

ANGULAR



A disputa entre corretoras foi grande no segundo leilão da dívida, em SP

# Deságio no leilão da dívida cresce

FERNANDO SCRIPILLITI  
Da Sucursal

**São Paulo** — Com um volume de 150 milhões de dólares, (cerca de Cr\$ 20 bilhões) convertidos em investimentos de risco, o segundo leilão de conversão da dívida externa realizado ontem na Bolsa de Valores de São Paulo, teve uma grande aceitação por parte das corretoras. A taxa média do deságio (desconto), ficou em 32 por cento em aplicações livres e 10 por cento para as empresas que autam em áreas de incentivo fiscal.

Os primeiros 75 milhões de dólares, da área livre foram convertidos com um deságio de 32 por cento. A grande arrematadora foi a corretora FNC, do Grupo Citybank, que converteu 42,5 milhões de dólares, cerca de 61 por cento do montante da primeira etapa do leilão. Outras duas corretoras, Guilder e Lochepe, ambas de São Paulo converteram US\$ 12,1 e US\$ 11,7 milhões de dólares, respectivamente.

Na segunda etapa do leilão, para as áreas incentivadas, o deságio ficou em 15 por cento. A estrela foi

novamente a FNC Corretora, que arrematou US\$ 34 milhões. Os clientes das corretoras que participavam só serão conhecidos hoje, após as 12h.

O leilão em São Paulo durou bem menos que no Rio. O primeiro, para as áreas livres durou duas horas, uma hora a menos que no Rio. O clima começou quando as taxas de deságio ultrapassaram os 30 por cento, mas o clima geral foi de tranquilidade.

No segundo turno, das áreas incentivadas, poucas pessoas permaneceram no recinto de pregão e o número de operadores diminuiu sensivelmente.

O diretor da área externa do Banco Central, Arnin Loren, afirmou que em termos práticos, abatido o deságio do leilão de ontem o Brasil abaterá de sua dívida cerca de 198 milhões de dólares mais os 180 milhões do leilão de março. Ele atribuiu o aumento no índice de deságio em relação ao leilão do Rio, que foi de 27 por cento, ao maior interesse dos licitantes em obterem suas parcelas de investimento.

Loren disse ainda que a data e o valor do próximo leilão de conversão da dívida serão estipulados na

próxima semana pela direção do Banco Central e representantes do Governo.

Para o presidente da Borsa de Valores de São Paulo, Eduardo da Rocha Azevedo, o nível que alcançou o deságio (32 por cento nas áreas livres) demonstrou que o lote que está sendo leiloado é pequeno. "Acho que o Banco Central deveria rever e fazer com que esses lotes fossem aumentados". Deveríamos partir para um 3º leilão com um montante de US\$ 250 milhões", disse.

O diretor da área externa do Banco Central divulgou ainda o destino dos recursos convertidos no primeiro leilão. Os primeiros US\$ 75 milhões das áreas livres foram aplicados no setor de transformação 40,4 por cento, indústria de serviços, 43,8 por cento, outras atividades 13,3 por cento e em fundos de conversão, 2,5 por cento.

Dos outros 75 milhões de dólares para as áreas incentivadas, a agricultura ficou com 10 por cento, a pesca com 10 por cento, o setor extrativo mineral com 15 por cento, a indústria de transformação com 40 por cento e o setor de serviços com 22,8 por cento.